

ECOFEMINISMO(S) E TERRITORIALIDADES: OLHARES SOBRE ESPAÇOS, CORPOS E SUBJETIVIDADES

[...] não concebo este corpo de mulher sem um espaço na terra que dignifique minha existência e promova minha vida em plenitude.¹

Lorena Cabnal

O volume 41 da Revista *Ártemis* apresenta o dossiê ECOFEMINISMO(S) E TERRITORIALIDADES: OLHARES SOBRE ESPAÇOS, CORPOS E SUBJETIVIDADES: aqui leitoras (e leitores) terão seus olhos voltados para uma temática de grande urgência não apenas contemporânea nas suas preocupações, mas fortalecendo o debate de questões que estão na ordem do dia: a crise climática conforme percebida por perspectivas variadas da leitura da crítica ecofeminista, enfocando territorialidades, espaços, corpos e subjetividades. Não bastasse a riqueza de proposições, outro fator mostrou suas facetas na organização do número: recebemos uma imensa quantidade de artigos abordando a temática, algo que gratamente nos surpreendeu. Isso porque, a partir do contexto da crítica ecofeminista (ou ecocrítico feminista, ou ainda da crítica que enfoca literatura e ecologia),² podemos observar um crescimento exponencial do interesse por esse campo de estudos, algo que em 2020, por exemplo — considerando o número específico conjugando literatura, ecologia e feminismo, sem nominar

¹ No original: “[...] no concibo este cuerpo de mujer, sin un espacio en la tierra que dignifique mi existencia, y promueva mi vida en plenitud”.

² Debate esse que as organizadoras deste número têm se dedicado já há muito tempo. Lembramos, para efeito deste número, que Izabel Brandão foi editora, em 2020, do vol. XXIX nº 1, jan-jun, da Revista *Ártemis*, Literatura e ecologia: vozes feministas e interseccionais; lembramos também que ambas coorganizaram, em 2025, juntamente com Sávio Freitas e Elaine Rapôso, o e-book *Literatura e ecologia: diálogos eco/feministas*, publicado pela Editora da UFPB, disponível em <https://www.editora.ufpb.br/press5/index.php/UFPB/catalog/view/1235/1117/13704>. Ainda em 2025, organizaram, em parceria com Laurenny Lourenço, o livro *Ecologia e pensamento crítico: literatura, ecocrítica e ecofeminismo*, pela Editora EDUFAL. Além disso, Edilane Ferreira defendeu sua tese de doutorado em 2021, sobre esta temática: “Quem tem medo do essencialismo?: o ecofeminismo estratégico dos contos de fadas de Marina Colasanti”, orientada por Izabel Brandão. Esses são apenas alguns títulos de vários outros abordando a temática ecológica em suas relações com a literatura.

Edilane Ferreira

Doutora em Estudos Literários. Professora de Literatura na Universidade de Pernambuco (UPE). ORCID: 0000-0002-6800-613X. E-mail: edilane.ferreira@upe.br

Izabel Brandão

Professora Titular aposentada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). ORCID: 0000-0003-4723-9046. E-mail: ifob.izabel@gmail.com

especificamente o ecofeminismo em seu título, dadas as invariáveis associações entre esse tipo de crítica e o medo excessivo do essencialismo, que caracterizou as suas formulações iniciais —, não aconteceu.

Isso aponta para uma abertura provocada pelos tempos atuais que nos pedem observação de que a crise climática também afeta as humanidades e seu pensamento crítico. É onde atuam a crítica literária e outras artes que também recebem o impacto dessa crise sem precedentes vivenciada pela humanidade. É necessário falar sobre ela, escrever sobre esses impactos e, sobretudo, buscar, em meio ao caos, formas de resoluções que renasçam a esperança e que o imaginário refloresça como defende o líder indígena e escritor Ailton Krenak (2022), no mesmo sentido apontado pela crítica ecofeminista Alícia Puleo (2024), quando afirma, em entrevista à C-Fêmea, que “[o] ecofeminismo nos lembra da ajuda mútua da natureza, que a vida boa é solidariedade”. Na mesma proporção da ética do bem viver (*bienvivir*, *Sumak Kawsay*) defendida por Krenak (2022, p. 58), da prática que conduz à busca da *Eudaimonia* (cf. Brandão, 2017, p. 207),³ encontrada tão prontamente em tantos textos poéticos que circulam o universo literário e outras redes e teias artísticas.⁴

Este número evidencia o termo ecofeminismo em sua multiplicidade, compreendendo, como a apresentação do dossiê mencionado argumentou, “[...] o seu realinhamento de sentido para uma perspectiva que promova o afastamento do uso do termo apenas voltado para uma chamada ‘essência feminina’ que, [em conformidade com a] contemporaneidade, não mais nos serve” (Brandão, 2020, p. 6). Considerando que há um intervalo de seis anos entre ambos os dossiês, observamos as continuidades, os diálogos e os novos olhares que se apresentam quando se trata da intersecção literatura, gênero e ecologia. Nos artigos de 2020, vemos uma presença marcante de estudos centrados na autoria feminina — o que também ocorre neste volume —, a maior parte deles problematizando as relações entre seres humanos e não humanos ou mais-que-humanos, para usar a expressão de Stacy Alaimo (2017). Essa também é uma preocupação de alguns trabalhos publicados neste dossiê, que se voltam às espécies companheiras, às vidas do fundo do mar e aos tensionamentos entre o humano e o animal.

Tendo em vista as especificidades do título para este volume, as pesquisas também envolvem a dimensão do espaço, especialmente, o espaço doméstico e a “natureza da casa”, na linha do que aborda Gaard (2017, p. 802), a qual está em interação constante com o corpo, especialmente o feminino além do enfoque às questões do privado-público que tanto afetaram/afetam as mulheres e o espaço doméstico. E nesse caso, o corpo é mesmo uma diversidade por si, tanto nos amplos (e vastos) estudos realizados ao longo da história, mas aqui focamos especificamente no feminismo, em textos publicados pelo mundo afora. Um exemplo é o livro *Volatile Bodies – Toward*

³ Krenak (2022) prefere que deixemos os gregos e os romanos de lado. A Terra é nossa ancestralidade e o nosso corpo é o corpo da Terra. Está nela. Estamos na natureza e ela em nós. É o princípio ecocrítico e ecofeminista: todas as coisas estão interconectadas na natureza.

⁴ O uso de *eudaimonia* é de Lockwood (2012) e refere-se à prática da solidariedade e à busca da felicidade. O princípio é o mesmo. Apenas os filósofos são diferentes. Os povos originários estavam à frente...

a *Corporeal Feminism* (1994), cujo texto de abertura foi traduzido para o português e publicado pela Revista *Pagu*, em 2000, com o título de “Corpos reconfigurados”, texto esse que é historicamente relevante para qualquer estudo feminista a respeito do corpo. Para a proposta ecofeminista um dos contextos do corpo passa pela opressão. Gaard (2017) fala disso também. O corpo é geograficamente um espaço político de afeto – positivo ou negativo (cf. Brandão, 2011) – a depender de como é abordado, pois se trata da sensibilidade ao lugar (*place-sensitivity*), conforme argumenta Val Plumwood (2002, p. 233). Nessa caminhada do território, a expansão conceitual também se mostra e traz novidades: é a noção de corpo-território, já ilustrado poeticamente na nossa epígrafe. Mas o poético se junta ao político no diálogo empreendido neste dossiê.

Tanto os estudos sobre o espaço quanto sobre as utopias e distopias em intersecção com o ecofeminismo e a literatura não são novidades,⁵ embora venham se expandindo, e o número de trabalhos com essa proposta neste volume reitera isso. O interesse exponencial pela perspectiva ecofeminista nos estudos literários, já mencionado, explica os novos campos que se alargam ou mesmo despontam, como as questões étnico-raciais, a decolonialidade e a noção de corpo-território.

O ecofeminismo, como se sabe, teve suas formulações teóricas iniciais — validando a “colonialidade do saber” — vinculadas à Europa. A associação inaugural que se faz é com a obra *Le Féminisme ou la Mort* (*Feminismo ou Morte*), publicada em 1974 pela francesa Françoise d'Eaubonne, para quem a opressão das mulheres e a destruição da natureza integram a mesma estrutura de dominação, sendo a emancipação feminina e preservação da vida no planeta interdependentes. E muitos são os nomes e as teorizações que partem do Norte Global quando se trata de ecofeminismo ou ecocrítica feminista. Nomes como Vandana Shiva se legitimam como voz do Sul, assim como Ivone Gebara no Brasil, ao publicar, em 1997, a obra *Teologia ecofeminista*, que dialoga com a teologia da libertação, defendendo feminismo, ecologia e justiça social. É importante assinalar que, em 1992, a partir das mobilizações desencadeadas pela Eco-92, no âmbito literário, Angélica Soares lança *Ecologia e Literatura*, com ensaio de natureza ecofeminista, ainda que o termo não tenha sido evocado. E, em 2003, Izabel Brandão publica o artigo “Ecofeminismo e Literatura: novas fronteiras críticas”, no livro *Refazendo nós – ensaios sobre mulher e literatura*, organizado juntamente com Zahidé Muzart (*in memoriam*).

O fato que desejamos aqui destacar é que, embora ecofeministas como Karen Warren (2000) e Greta Gaard (2011), para citar apenas duas, tenham tecido importantes discussões sobre colonialismo, racismo, justiça ambiental e interseccionalidade, vemos que esse é um âmbito que merece maior investigação, sobretudo sob a perspectiva do Sul Global. No entanto, isso pode e vem sendo enriquecido a partir do diálogo com outros vieses feministas de cunho também ecológico, em consonância com o caráter interdisciplinar do ecofeminismo e com sua “pluralidade filosófica” (Gaard; Murphy, 1998, p. 4). Há pensadoras cujos trabalhos são frequentemente incorporados ao debate ecofeminista latino-americano, ainda que elas não se denominem ecofeministas. É

⁵ Cf. Brandão (2019), entre outros.

o caso de Lorena Cabnal, da Guatemala, a quem se vincula o conceito de elaboração coletiva “território-corpo-terra”, e Julieta Paredes, da Bolívia, ambas associadas ao feminismo comunitário. Esse diálogo frutífero entre ecofeminismo e feminismo comunitário ganha ressonância nas seguintes palavras de Cabnal:

Esse fio do pensamento, da palavra e da ação feminista comunitária tem me levado a perceber a importância de tecer pensamentos com outras mulheres, sejam elas indígenas dos diversos povos originários ou sejam “ocidentais”, pois acredito que é conveniente para todas nós promover espaços e encontros para refletirmos sobre nós mesmas, para nos atrevermos a realizar desmontagens e para construir coletivamente transgressões e propostas para uma nova vida (Cabnal, 2010, p. 23).⁶

Para a ativista, a defesa do território-terra ultrapassa uma preocupação exclusivamente ambiental ou utilitária com os bens naturais imprescindíveis à vida presente e futura, pois envolve também a recuperação histórica do território corpo-terra: “[a]s violências históricas e opressoras existem tanto contra o meu primeiro território, o corpo, quanto contra o meu território histórico, a terra. Nesse sentido, todas as formas de violência contra as mulheres atentam contra essa existência que deveria ser plena” (Cabnal, 2010, p. 23).⁷ Em sentido semelhante são as contribuições de Julieta Paredes, segundo a qual

[o] objetivo da colonização, além de usufruir dos frutos e produtos dos territórios colonizados, é também invadir, submeter, impor, dominar, apropriar-se e colonizar os corpos das pessoas colonizadas, a fim de tomar seus ajayus, suas energias, seus espíritos, suas forças, para aliená-los e ocupá-los; para domesticá-los, discipliná-los e fazê-los obedecer a mandatos e ordens, até alcançar a internalização dos invasores em nossos corpos, fazendo com que os invasores penetrem nos territórios do corpo, da subjetividade, das percepções e dos sentimentos de identidade, prazer e desejo (Paredes, 2017, p. 7).⁸

6 No original: Este hilo del pensamiento, de la palabra y de la acción feminista comunitaria me ha llevado a ver la importancia de tejer pensamientos con otras mujeres, sean indígenas de los diversos pueblos originarios, o sean “occidentales”, porque creo que nos conviene a todas, propiciar espacios y encuentros para reflexionarnos, para atrevernos a hacer desmontajes y para construir en colectividad transgresiones y propuestas para una nueva vida (Cabnal, 2010, p. 23).

7 No original: Las violencias históricas y opresivas existen tanto para mi primer territorio cuerpo, como también para mi territorio histórico, la tierra. En ese sentido todas las formas de violencia contra las mujeres, atentan contra esa existencia que debería ser plena” (Cabnal, 2010, p. 23).

8 No original: El objeto de la colonización, aparte de usufructuar los frutos y productos de los territorios colonizados, también es invadir, someter, imponer, dominar, usufructuar y colonizar los cuerpos de las y los colonizados para tomar sus ajayus, sus energías, sus espíritos, sus fuerzas para enajenarlos y ocuparlos, para domarlos, para disciplinarlos y para que obedezcan mandatos y órdenes hasta lograr la internalización de los invasores en nuestros cuerpos, lograr que los invasores se metan en los territorios del cuerpo, de la subjetividad, de las percepciones y de los sentimientos de identidad, placer y deseo (Paredes, 2017, p. 7).

É contra essa colonização dos corpos-territórios que o feminismo comunitário e o ecofeminismo lutam. Alguns dos artigos aqui compilados abordam essa dimensão, a partir de vozes indígenas e afro-brasileiras, como Eliane Potiguara, Creuza P. Krahô, Nêgo Bispo e Graça Graúna. Ao todo, são 16 artigos que integram este dossiê, mobilizando diferentes gêneros: poesia, conto, romance e (auto)biografia. Todos os trabalhos, com exceção dos dois primeiros — que tratam, respectivamente, de uma tradução com abordagem teórica e de uma análise do livro *Indigenous Pacific Islander Eco-Literatures* (2022) —, voltam-se a obras literárias de autoria feminina, privilegiando: as indígenas brasileiras Márcia Kambeba, Txai Suruí e Auritha Tabajara; as moçambicanas Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Deusa d'África e Sónia Sultuane; as brasileiras Carola Saavedra; Clarice Lispector, Mariana Salomão Carrara e Zélia Gattai; a argentina Camila Sosa Villada; as estadunidenses Claire Vaye Watkins, Ursula K. Le Guin e Marge Piercy; as autoras indígenas canadenses Jan Bourdeau Waboose e Doreen Jensen e a escritora goiana Marietta Telles Machado. O recorte é, portanto, diversificado, com escritoras de diferentes partes do mundo, mas com uma predominância do Sul Global.

O artigo de abertura é a tradução, realizada por Laurenny Aparecida Lourenço da Silva, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de um texto da ecofeminista argentina Alicia H. Puleo, catedrática da Universidade de Valladolid, intitulado “O ecofeminismo e seus companheiros de jornada. Cinco chaves para uma relação positiva com o ecologismo, o ecossocialismo e o decrescimento”, o qual foi publicado originalmente em língua espanhola, no livro *Ecología y género en diálogo interdisciplinar* (2015). Na publicação, Puleo defende “o pensamento e a práxis verdes como os caminhos rumo a outro mundo possível”, apresentando cinco obstáculos que precisamos superar: mulheres invisíveis, emancipação adiada, Iluminismo esquecido, multiculturalismo beato e velho homem novo.

O segundo artigo tem como título “Caminhos azuis: investigações ecofeministas de poesias oceânicas” e é de autoria de Letícia Nogueira Romariz Medeiros, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O trabalho analisa três poemas do livro *Indigenous Pacific Islander Eco-Literatures* (2022), investigando “como outras formas de pensar e retratar o fundo do mar e as suas formas de vida podem ajudar a construir uma visão de mundo e de vida mais inclusiva, equilibrada e harmônica”. A autora utiliza teorias como a transcorporalidade de Stacy Alaimo, as “assemblages” e vitalidade da matéria de Jane Bennet, narrativas da matéria de Serenella Iovino e Serpil Opperman e diferentes noções de espaço conforme Doreen Massey.

“Poéticas indígenas: femininos-corpos-territórios em retomada para flechas-futuros-possíveis” é o terceiro artigo, escrito por Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Carolina Rodrigues Manzato e Maria Clara Teixeira Lopes, todas da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Ele analisa a concepção de corpo-território em três poetas indígenas contemporâneas: Márcia Kambeba, Txai Suruí e Auritha Tabajara, com base nas formulações teóricas de Eliane Potiguara, Creuza P. Krahô e Nêgo Bispo.

Joranaide Alves Ramos, do Centro Universitário do Rio São Francisco (UniRios), é autora do quarto artigo, “Ecofeminismo afro-moçambicano como atitude

epistemológica: corpo, terra e implicação nas poéticas moçambicanas”, que, como o título sugere, articula o ecofeminismo afro-moçambicano, defendendo-o enquanto atitude epistemológica, a partir da análise de poemas de Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Deusa d’África e Sónia Sultuane. O trabalho busca compreender como as relações entre humano, natureza mais-que-humana, ancestralidade e espiritualidade se configuram como modos de produção de conhecimento.

“O manto da noite e o intrincado jogo de viver com espécies companheiras no Chthuluceno” é título do quinto artigo, elaborado por Mírian Sousa Alves e Maria do Rosário Alves Pereira, ambas do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Fundamentando-se em Donna Haraway, Anna Tsing, Stacy Alaimo e no perspectivismo ameríndio, a produção investiga como o romance *O manto da noite* questiona o antropocentrismo, ao passo que propõe novas formas de coexistência entre humanos e não humanos no contexto do Chthuluceno.

O sexto artigo, publicado em língua inglesa, tem como título “Nature fights Back: an ecofeminist reading of *Gold Fame Citrus* by Claire Vaye Watkins” e é de autoria de Kelma Aparecida Saraiva Lopes, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e de Natália Fontes de Oliveira, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). O foco são as representações da natureza no romance de Watkins, demonstrando que há agência e poder da natureza na narrativa. Já “Semear mundos possíveis além do capitalismo: mulheres e novos agenciamentos na ficção científica” é o sétimo artigo. De autoria de Anna Carolina Cunha da Silva Nunes, Maria Lionilde Araújo da Silva, ambas da Universidade Federal do Acre (UFAC), e de Josina Maria Pontes Ribeiro, do Instituto Federal do Acre (IFAC), o texto analisa as obras *Floresta é o Nome do Mundo* (1972), de Ursula K. Le Guin, e *O Ano do Dilúvio* (2009), de Margaret Atwood, argumentando sobre outras formas de agenciamento para além do capitalismo, a partir do ecofeminismo literário da ficção científica lido nessas narrativas escritas por mulheres.

O oitavo artigo, “Corpo, vida e mundo como territórios de dominação em *Uma mulher no limiar do tempo*: uma crítica ecofeminista animalista para construção de novos mundos possíveis”, escrito por Andyara Letícia de Sales Correia e Vanessa Oliveira Batista Berner, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), investiga o romance evidenciado no título, de Marge Piercy, sob a ótica ecofeminista animalista, utilizando referenciais teóricos como Carol J. Adams. O texto examina as formas de dominação e as possibilidades de resistência comunitária construídas pela narrativa. Nessa mesma perspectiva animalista, o nono artigo, “Animalidade e o estatuto colonial da biopolítica em ‘A menor mulher do mundo’, de Clarice Lispector”, elaborado por Evandro Sant’ Anna da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), examina a construção discursiva da personagem Pequena Flor, tensionando o conceito de biopolítica de Michel Foucault em diálogo com as discussões sobre o (de)colonial a partir de teóricos como Aníbal Quijano e Walter Dignolo.

O décimo artigo é “Rua Alagoinhas, n. 33: a memória e o trabalho feminino invisível na construção do lar”, de Ana Paula Bagaiolo Moraes, Dawn Taylor e Pedro Lucas Comarella Schatzmann, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). O estudo se volta às construções biográficas, autobiográficas e (auto)

biográficas de Zélia Gattai, em *A Casa do Rio Vermelho* (1999), reconhecendo esse espaço não apenas como físico, mas como um espaço simbólico da memória, do afeto e do trabalho invisível da mulher. Para isso, articula o conceito de transcorporeidade com a ecossófia e o ecofeminismo crítico.

Pâmela Catarina Ribeiro Silva e Katia Aily Franco de Camargo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), escrevem o décimo primeiro artigo, intitulando-o “A natureza da casa e os territórios existenciais em *Tese sobre uma domesticação*, de Camila Sosa Villada”. Nessa obra da escritora argentina, as autoras investigam de que maneira o texto articula as noções de “natureza da casa”, com base em Greta Gaard, e “territórios existenciais”, sob a perspectiva de Félix Guattari, no processo de resistência ou adaptação normativa da protagonista, que é uma atriz travesti de sucesso. A pesquisa também dialoga com os conceitos de territorialidade segundo Marcos Aurélio Saquet e transcorporeidade conforme Stacy Alaimo apresenta. E, ainda sobre o espaço doméstico, “O espaço da casa como clausura do corpo feminino em Marietta Telles Machado”, décimo segundo artigo, de autoria de Jane Adriane Gandra, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), analisa as relações entre o espaço da casa e o corpo da mulher no conto “Crônica da velha casa”, da escritora goiana Marietta Telles Machado, publicado em *Narrativas do cotidiano*, de 1978.

“Maternidade, trabalho e exploração da terra: uma leitura de *A árvore mais sozinha do mundo*” é o décimo terceiro artigo, de Ana Ximenes Gomes de Oliveira, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O texto propõe uma análise crítica do romance da escritora brasileira Mariana Salomão Carrara, a partir das categorias maternidade, trabalho e exaustão da terra, investigando como essas são inseridas na lógica do capital na sociedade contemporânea. “Mulheres e território: perspectivas ecofeministas na literatura indígena canadense”, por sua vez, da mestranda pelo Programa de pós-graduação de Linguagem e Ensino (PPGLE), na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Alícia Maria Pereira Gabriel, sob a orientação de Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UFCG), apresenta-se como décimo quarto artigo, investigando a relação entre corpo-território, conhecimento ancestral e natureza na literatura indígena canadense de autoria feminina, mais especificamente, nos contos “a long time ago”, de Jan Bourdeau Waboose, e “The role of a traditional Gitksan artist”, de Doreen Jensen, que integram a antologia *My home as I remember* (2000).

O penúltimo artigo que compõe o dossiê é “‘A escrava’, de Maria Firmina dos Reis: uma perspectiva decolonial e ecofeminista”, de autoria de Raquel D’Elboux Couto Nunes, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O trabalho analisa o conto de 1887 da escritora maranhense a partir de uma perspectiva decolonial e ecofeminista, evidenciando o espelhamento entre ações da personagem e elementos da natureza, além da integração entre todos os seres. Por fim, o artigo de fechamento, elaborado pela doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Adriene Coelho Ferreira Jerozolinski, com orientação de Vania Grim Thies (UFPel), intitula-se “Em busca das mulheres da Pampa: cultura escrita, resistência e gênero nos séculos XIX e XX” e discute a autoria feminina produzida na região meridional da América do Sul denominada Pampa, no período

demarcado no título. Trata-se de um importante trabalho de resgate que evidencia tanto a exclusão sistemática nas narrativas oficiais quanto os registros realizados por diversas mulheres — “que vão de diferentes origens, desde viajantes estrangeiras e esposas de líderes políticos a escritoras negras, indígenas e mulheres do povo” —, em obras literárias, documentos e escritos pessoais, sobre as relações entre gênero, poder e natureza.

Esperamos que, com este número da Revista *Ártemis*, tão fértil em ideias verdes, nossas leitoras (e leitores) possam usufruir do seu contexto crítico literário buscando, como nos ensina Krenak, o caminho do bem-viver (do bem-ler...), do olhar diferenciado para a natureza que nos aproxima (ou distancia) do outro. E escrever. E pensar e sentir. A natureza agradece. Nós também.

Referências

ALAIMO, Stacy. Feminismos transcorpóreos e o espaço ético da natureza. Tradução Susana Funck. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 2, p. 909-934, 2017 [2010].

BRANDÃO, Izabel; FERREIRA, Edilane; RAPÔSO, Elaine; FREITAS, Sávio (org.). *Literatura e ecologia: diálogos eco/feministas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2025. e-book

BRANDÃO, Izabel. F. O. Apresentação do Dossiê Literatura e ecologia: vozes feministas e interseccionais. *Revista Ártemis*, vol. xxix, n. 1, p. 2-13, jan-jun, 2020.

BRANDÃO, Izabel. Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé (org.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 461-473.

BRANDÃO, Izabel. Corpo, discursos e poesia em autoras negras contemporâneas. In: VEIGA, Ana Maria et al. (org.). *Mundos de mulheres no Brasil*. Curitiba: CRV, 2019.

BRANDÃO, Izabel F. O. Dimensões políticas e afetivas do conceito de espaço/lugar: reflexões a partir de textos literários do século XX. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 2, n.2, p. 100-107, ago./dez. 2011.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: LAS SEGOVIAS. *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. Madri/Guatemala: ACSUR, 2010.

FERREIRA, Edilane. Perspectivas ecofeministas na literatura contemporânea de autoria feminina. In: BRANDÃO, Izabel; LOURENÇO, Laurenny; FERREIRA, Edilane (orgs.).

Ecologia e pensamento crítico: literatura, ecocrítica e ecofeminismo. Maceió: EDUFAL, 2025. p. 31-57

GAARD, Greta. Novos rumos para o ecofeminismo: em busca de uma ecocrítica mais feminista. Trad Izabel Brandão; Marina Verçosa. In: BRANDÃO, Izabel et al. *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, Edufal e EdUFSC, 2017. p.783-818.

GAARD, Greta. Ecofeminism Revisited: Rejecting Essentialism and Re-Placing Species in a Material Feminist Environmentalism. *Feminist Formations*, v. 23, n. 2, p. 26-53, 2011.

GAARD, Greta; MURPHY, Patrick D. (org.). *Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1998.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Revista Pagu*, n. 14, p. 45-86, 2000.

GROSZ, Elizabeth. *Volatile Bodies – Toward a Corporeal Feminism*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1994.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. e-book.

LOCKWOOD, Jeffrey. Afterword: Ecofeminism, The Ironic Philosophy. In: VAKOCH, Douglas; ADAMS, Vicky (org.). *Feminist Ecocriticism: Environment, Women, and Literature*. Lanham: Lexington Books, 2012. p. 123-134.

PAREDES, Julieta. El feminismo comunitario: la creación de un pensamiento propio. *Corpus* [En línea], v. 7, n. 1, jun. 2017.

PLUMWOOD, Val. *Environmental Culture: The Ecological Crisis of Reason*. London and New York: Routledge, 2002.

PULEO, Alícia. Entrevista. 2024. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/?view=article&id=9107:0-ecofeminismo-nos-lembra-da-ajuda-mutua-da-natureza-que-a-vida-boa-e-solidariedade-entrevista-com-alicia-puleo>. Acesso em: 23 jul. 2026.

SILVA, Edilane Ferreira da. “Quem tem medo do essencialismo?": o ecofeminismo estratégico dos contos de fadas de Marina Colasanti. 2021. 161 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SOARES, Angélica. *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

WARREN, Karen J. *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What It Is and Why It Matters*. Lanham, Maryland: Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.